



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

SINAIS PELAS RUAS

Luiz Felipe Falcão*

Gostaria de começar agradecendo a oportunidade de apresentar parte do que eu e outros colegas latino-americanos temos pesquisado com apoio agências de fomento como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e o Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Vou abordar algumas inquietações que estão me desacomodando atualmente sem a pretensão de ter boas respostas para elas e contando com a colaboração de eventuais interessados para aplacá-las um pouco que seja.

Como uma espécie de abertura estranha, escrevo que estive em julho 2014 na Escócia, um país maravilhoso, com pessoas maravilhosas, e me deparei no centro de sua magnífica capital, Edimburgo, com um pequeno monumento comemorativo colocado numa das laterais de um grande parque, denominado Princes Street Garden, monumento este que constava de uma rocha com aproximadamente um metro de altura na qual foi fixada uma placa metálica atribuída a um grupo denominado Amigos da Associação da Brigada Internacional (em clara referência à Guerra Civil Espanhola de 1936-1939), que me chamou a atenção e que reproduzo a seguir:

* Professor Doutor do Departamento de História (Graduação e Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC): luiz.felipe@mailcity.com. Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no V Congresso Internacional de História Oral de la República Argentina, realizado em Córdoba entre 25 e 27 de setembro de 2014, com o título “Senales por lãs calles”, em deliberada alusão a Marshall Berman.



Figura 1: Edimburgo, Princes Street Garden, julho de 2014
Fonte: Acervo do autor.



Figura 2: Placa comemorativa em Edimburgo, Princes Street Garden, julho de 2014
Fonte: Acervo do autor.

Numa tradução livre¹, o texto da placa comemorativa (que fica na extremidade superior direita do gramado exibido na figura 1) traz o seguinte:

Para honrar a memória daqueles que vindos desde Lothians e Fife para servir na Guerra da Espanha 1936-1939

Não por uma fanfarra de trombetas,
nem pelo som dos tubos (da gaita),
não pela oferta de um centavo,
nem para ver seus nomes nas luzes.

Seu chamado foi o grito de angústia,
dos corações das pessoas da Espanha,
alguns pagaram com suas vidas – é verdade –,
seu sacrifício não foi em vão.

Amigos da Associação da Brigada Internacional

Confesso que fiquei emocionado, pois ainda que tenha nascido em 1950, a Guerra Civil Espanhola foi uma experiência que marcou profundamente muitas gerações das esquerdas, inclusive a minha, por sua luta em favor da liberdade, contra a exploração e as injustiças sociais, por um projeto coletivo de transformações chamado socialismo. Por outro lado, isto me recordou a pesquisa que urdo sobre esquerdas, já que uma das perguntas que procuro responder é: que papel jogou a experiência das gerações anteriores para formar o movimento operário e os movimentos sociais em geral durante as lutas contra a ditadura no Brasil dos anos 1970 e 1980?

O contato com jornais e revistas da segunda metade da década de 1970 e anos iniciais da seguinte mostra que quase todas as suas reportagens, bem como muitos dos trabalhos acadêmicos escritos até hoje sobre o tema, assinalam o “novo sindicalismo”, seu líder Lula e as greves operárias da época como algo inédito, sem maiores vínculos com um passado que ultrapasse a trajetória destes mesmos personagens.

As entrevistas e depoimentos obtidos com o recurso às metodologias e protocolos sugeridos pela História Oral, bem como os documentos dos grupos clandestinos de esquerda depositados nos arquivos, nos fornecem, entretanto, outras

¹ O texto original diz o seguinte: To honour the memory of those who went from the Lothians and Fife to serve in the war of Spain 1936 – 1939: Not to a fanfare of trumpets; nor even the skirl o the pipes, not for the offer of a shilling, nor to see their names up in the lights. Their call was a cry of anguish, from the hearts of the people of Spain, some paid with their lives it is true. their sacrifice was not in vain. (Fiends of the Internacional Brigade Association)

informações e questionamentos. Eles nos sugerem uma ampla gama de influências dispersas e, por vezes, ocasionais, que, com o tempo, temperaram o movimento operário e os movimentos sociais dos 1970 y 1980, tanto como apresentam indícios de uma ruptura com o que se viveu antes do golpe civil-militar de 1964.

Ali se percebe, por exemplo, como sedução pelo ativismo sindical e mesmo pelas políticas de esquerda: o contato com professores descontentes com a situação vigente, o trabalho de setores progressistas da Igreja Católica, a leitura da imprensa escrita, ao que se somam recordações difusas das disputas típicas da democracia anterior a 1964 e a militância de conhecidos ou familiares, mantendo a resistência mesmo nos dias mais duros e contribuindo assim para recuperar a capacidade de mobilização e organização operária.

Para ilustrar isto, veja-se um documento de uma organização clandestina da chamada “nova esquerda”, sem data mas provavelmente elaborado em 1978, a partir de uma reunião de seus militantes operários do Estado de São Paulo para discutir, entre outros temas, o “novo sindicalismo”, em que se procura reproduzir com exatidão o que falaram os participantes para servir de modelo:

As greves não são impulsionadas por uma consciência política, mas sim pela necessidade econômica mais imediata, por aumento de salário. Mas elas são políticas porque se chocam diretamente contra a lei de greve. Existe, assim, um campo aberto para a agitação política que a vanguarda deve desenvolver, levando aos trabalhadores uma agitação, trazendo para a sua luta os problemas políticos.

No ABC as greves ocorreram de forma espontânea ou pela presença dos sindicalistas combativos no interior de algumas fábricas, como por exemplo na Scania, mas na minha zona a Oposição Sindical se adiantou procurando agitar a greve..., elaborando panfletos e, com isto, conseguindo várias greves. Neste sentido, muitas foram espontâneas, mas se a Oposição Sindical estava presente se conseguiu um maior grau de mobilização e organização.²

Na ótica deste militante anônimo, as greves que começavam a ocorrer nas fábricas metalúrgicas de São Bernardo do Campo e em todo ABC paulista não eram o resultado de uma consciência política dos trabalhadores mas, sem dúvida, tinham uma

² *A discussão da tática numa reunião ampliada operária (uma contribuição para a discussão)*, documento de 1978 assinado pelo Comitê Regional de São Paulo do Movimento pela Emancipação do Proletariado, MEP, organização de esquerda que atuou na resistência à ditadura brasileira: Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Acervo 72, Organizações e Partidos Políticos, caixa 3.

dimensão e uma implicação política ao questionarem de modo aberto a lei de greve. Mais ainda, ele atribui à Oposição Sindical um papel importante para alcançar “maior grau de mobilização e organização”, o que pode ser um tanto relativizado se for levado em conta a fragilidade desta oposição no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (área de sua abrangência).

— Seja como for, havia ali uma conjugação de continuidades e descontinuidades em relação aos movimentos anteriores, da década de 1960, estas últimas explicadas em parte por 1964 e pela memória de 1964: uma derrota sem resistência; longos anos sem liberdade, sem organismos livres de representação, sob violenta repressão, diante de uma crítica contundente ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) (que para piorar as coisas fez uma espécie de “convivência pacífica” com os “pelegos” instalados pela ditadura na direção dos sindicatos) e de uma adesão da maioria das “novas esquerdas” à uma luta armada que prescindia da mobilização operária.

Creio, então, que se é possível encontrar conexões talvez tênues com o passado, melhor se pode falar de uma importante ruptura com a experiência que vinha das gerações antecedentes, com diversas implicações. Por exemplo, havia que rejeitar a estrutura sindical vigente, vinculada ao Ministério do Trabalho, e estimular a organização de base nas fábricas (as comissões de fábrica).

Seguindo, poder-se-ia falar de uma outra ruptura da experiência no Brasil, ainda mais radical e profunda, tomando por referência as manifestações de junho de 2013 e seu confuso repertório de denúncias e reivindicações, que mesclava justas e oportunas denúncias da violência policial com críticas vagas aos gastos com a Copa do Mundo FIFA, acusações genéricas contra os políticos e a política, graciosas manifestações pessoais, etc.? Voltando ao início e à Guerra Civil Espanhola, os episódios recentes no Brasil, agregados ao que vem ocorrendo em outros lugares do mundo, estariam a evidenciar um corte com a experiência de esquerda, ou com a experiência de contestação da ordem social capitalista, que predominou no século XIX e em grande parte do “breve” século XX?

Gostaria de trazer dois exemplos da nossa atualidade para pensar isto: em primeiro lugar, do Brasil, a tentativa de colocar fogo no Palácio Itamaraty, projetado pelo arquiteto (comunista) Oscar Niemeyer, na capital federal, Brasília, por manifestantes enfurecidos, durante as manifestações que aconteceram no país ao longo de junho de 2013.



Figura 3: Brasília, Palácio Itamaraty, 20 de junho de 2013
Fonte: Reuters.



Figura 4: Brasília, Palácio Itamaraty, 20 de junho de 2013
Fonte: O Globo.

As imagens, sombrias para dizer o mínimo, são o bastante eloquentes para dispensar maiores comentários. O outro exemplo que gostaria de citar vem da Ucrânia e

também é bastante atual: segundo o jornal francês Le Monde, existem uns quatro combatentes daquele país lutando junto com os separatistas: são fundadores de um movimento ultranacionalista chamado "União Continental". Para eles, a Rússia representa "o último alento" contra a globalização liberal, que consideram "responsável da decadência dos valores nacionais e da perda da soberania da França".

Já pelo governo ucraniano está o também francês Gaston Besson, mercenário veterano de guerras como a da Croácia e integrante do batalhão voluntário de Azov, conhecido por sua associação com a extrema direita, o qual declarou numa entrevista recente que se considera um "anarquista" e partidário dos black blocs.

Diante destes exemplos, que submetem a fortes tensões o legado e o significado das experiências de contestação social da ordem capitalista no século XX, a pergunta que gostaria de formular é a seguinte: que desafios tudo isto traz para a compreensão do estatuto da experiência de esquerda que viveram a minha e outras gerações?

